

LUISA SIGÉIA - UMA HUMANISTA NA CORTE

PORTUGUESA DO SÉCULO XVI

ANGELA MENDES DE ALMEIDA

CPDA - ICHS

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Texto apresentado no

5o. Encontro Regional de História da ANPUH

Núcleo Rio de Janeiro

Setembro 1992

## 1. Uma vida original

Na história as imagens transitam através do tempo, a cada época com uma nova roupagem. Imagens de pessoas tornam-se mitos, mitos adquirem vida própria e transformam-se ao sabor do inconsciente coletivo de cada período. Poucas vidas podem ilustrar tão bem a trajetória de um mito através da história, de uma imagem mudando sua roupagem, como a figura de Luisa Sigéia, humanista do século XVI, cuja reputação transitou pelos séculos.

Luisa nasceu em 1522 na província de Toledo, de pai francês e mãe espanhola, e chegou a Portugal ainda menina, em 1530, logo depois que seu pai, Diogo Sigéu, que já estava nesse país há algum tempo, foi admitido como preceptor de D. Jaime, Duque de Bragança. A caçula dos quatro filhos desse letrado e erudito das cortes, que já havia aprendido latim e grego, além do francês e do espanhol, teve sua educação humanista completada sob a direção do pai, passando a dominar também o hebraico, o árabe e o caldeu, além do português e do italiano. Sua fama de poliglota e erudita, qualidades ímpares do saber do século XVI, chegou então à corte portuguesa e o rei D. João III requisitou-a para servir à sua esposa, a Rainha D. Catarina, como "moça de câmara" e, em seguida, à sua irmã mais nova, a Infanta D. Maria. A partir dos 23 anos - de 1545 a 1555 - Luisa Sigéia permaneceu a serviço da corte e fez parte do grupo de damas eruditas que compunham o círculo da Infanta: Angela Sigéia, sua irmã e grande musicista, a humanista também famosa Joana Vaz, Paula Vicente, filha de Gil Vicente, e outras. Em 1546 Luisa redigiu um poema sobre a vila de Sintra, onde localizava-se a residência real de verão, e dedicou-o à D. Maria, mais tarde enviando-o ao Papa Paulo III, com uma carta em cinco línguas, o que fez sua fama alcançar novas fronteiras. Vivendo grande parte de seu tempo na biblioteca real e convivendo mais tarde com seu pai, que desde 1549 tornara-se preceptor dos jovens da corte de D. João III, ela redigiu mais tarde, em latim, o *Duarum Virginum Colloquium (Colóquio entre duas virgens)*, completado em 1552, mas publicado somente em 1970, na França. Na mesma época, com a idade de 30 anos, Luisa casou-se com Francisco de Cuevas, nobre cultivado, porém pobre. Em 1555 ela teve que trocar Portugal pela Espanha e inicia-se uma fase de dissabores, econômicos em primeiro lugar. Seus treze anos de serviços na corte não lhe haviam proporcionado um agradecimento real manifesto em um renda generosa. Sendo assim ela teve que oferecer seus serviços e os de seu marido a diversas casas nobres. Engajada há pouco tempo, com o marido, na corte da Rainha viúva Maria da Hungria, que vivia na Espanha, Luisa perdia seu novo emprego em 1558 (data em que nasceu sua filha) por causa da morte da nobre dama. Dirigiu-se então sem sucesso ao Rei Felipe II da Espanha. Desiludida, morreu em 1560, com apenas 38 anos.

A vida de Luisa é original sob todos os aspectos. Poliglota e erudita, ela atingiu um saber que era privilégio quase que exclusivo dos homens. A fama de sua erudição correu mundo e mereceu referência na correspondência de diversos humanistas de sua época, bem como uma menção no livro de Guillaume Postel, *Les très merveilleuses victoires des femmes*, de 1553.<sup>1</sup> Por outro lado, sua condição de "mulher sábia", mais de um século antes que as

---

<sup>1</sup> Ver Odette Sauvage, "Introduction", in: *Louise Sigée, Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de cour e la vie de retraite*. Paris, P.U.F., 1970, p. 22.

*femmes savantes* fossem estigmatizadas na França, vinha acompanhada da sua característica de mulher solteira, numa corte de mulheres solteiras.<sup>2</sup> Com efeito, o triste destino da Infanta D. Maria, sempre prometida em casamento e sempre relegada em função das estratégias de poder de Portugal, Espanha e França, levou-a a cercar-se de um grupo de mulheres que cultivaram o saber humanista e as artes em um nível comparável ao de outros eruditos e letrados que circulavam nos ambientes cortesãos.<sup>3</sup> A redescoberta dos textos clássicos gregos e latinos, dos originais do Antigo Testamento e das obras do Padres da Igreja, juntamente com a abertura do novo horizonte que o Renascimento representava, fazia-se sentir em Portugal - tal como na Espanha - sob a égide intelectual de Erasmo. A corte de D. Maria fermentava mergulhada nesse saber renascentista, ao mesmo tempo em que o movimento da Contra-Reforma, pela via da ação dos Jesuítas e da Inquisição, iniciava a tentativa de enquadramento e cerceamento desse saber.

Outras originalidades da vida de Luisa: casou-se só aos 30 anos, foi mãe pela primeira vez aos 36, agia como a cabeça do grupo familiar. Era ela quem sentia-se responsável por não auferir uma renda condigna após treze anos ao serviço da corte portuguesa e que batalhava por uma nova colocação, apresentando-se como o cartão de visitas do casal.

## 2. Entre o ascetismo monacal e a efervescência da corte

A problemática abordada em sua obra *Colóquio entre duas virgens sobre a vida na corte e a vida retirada*<sup>4</sup> é eloquente sobre as vicissitudes e angústias de uma letrada no meio cortesão português do século XVI. A forma escolhida - o colóquio - bem ao gosto dos humanistas da época e immortalizada por Erasmo, era bem menos dogmática que o estilo predominante nesses séculos, permitindo a apresentação de argumentos contrários uns aos

<sup>2</sup> Sobre as *femmes savantes* ver E. Badinter, *O amor conquistado - O mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985; e a própria sátira de Molière, *Les femmes savantes*.

<sup>3</sup> Chamada por Carolina Michaelis de Vasconcelos de uma "triste sempre noiva", a Infanta D. Maria tem uma história ilustrativa dos dramas de uma princesa. Filha do terceiro casamento de D. Manuel I - ele com 52 anos e a mãe com 23 - ficou órfã de pai aos seis meses, em 1521. A mãe, Leonor de Áustria, irmã do poderoso Carlos V, Rei da Espanha e Imperador do Sacro Império Romano Germânico, havia sido prometida como noiva ao filho mais velho de D. Manuel I, D. João. Mas o pai arrebatou a noiva prometida ao filho. Quando de sua morte, D. Leonor, mãe recente, não pôde permanecer em Portugal devido a esta complicada intriga que antecedeu sua vinda. D. João III, o novo Rei, reteve no entanto a irmã pequena, assim prematuramente separada da mãe, já que não podia devolver o fabuloso dote que D. Leonor havia trazido para o país. A jovem viúva casou-se então com Francisco I, da França, e durante anos os tres "pais adotivos" de D. Maria - seu irmão, João III de Portugal, seu tio materno, Carlos V da Espanha e seu padrao, Francisco I, da França - usaram-na no tabuleiro das alianças, fazendo promessas de casamento e desfazendo-as. Ao rei de Portugal não interessava pagar o dote de D. Leonor, liberando sua irmã. Dessa forma ela ficou 30 anos sem rever a mãe e só o conseguiu após a morte de D. João III. A esta altura era ela quem recusava os pedidos de casamento propostos. D. Leonor não sobreviveu à visita da filha e morreu também em 1568. Os últimos vinte anos de D. Maria foram plácidos e vividos no gozo de suas riquezas, no período de decadência da dinastia de Avis. Ver Carolina Michaelis de Vasconcelos, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521-1577) e sua damas*. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983 (fac-símile da 1a. edição de 1900), pp. 17-26.

<sup>4</sup> As citações, retiradas do texto traduzido para o francês, comentado e apresentado por O. Sauvage, já citada, virão em seguida apenas com a indicação da página.

outros. Através de duas moças - Blesilla, de Siena, e Flamínia, de Roma - Luisa Sigéia confronta duas opções de vida possíveis na época para os setores sociais abastados, porém não pertencentes à nobreza, mas ao mesmo tempo deixa relatado suas próprias angústias e contradições.

Na realidade o confronto de argumentos reflete um grande dilema da época. A vida na corte era a vida na cidade - um elemento novo e moderno na vida social - era a vida mundana dos prazeres, das cerimônias, da competição junto aos príncipes pelo prestígio do saber, mas também ligada à elaboração da cultura - naquela época essencialmente a redescoberta dos antigos - cultura que era nova, que era uma releitura, mantendo entretanto a aparência de simples reprodução. A vida retirada era o viver no campo, em contacto com a natureza que predispõe ao diálogo com Deus: sob a aparência de defesa da simplicidade o que estava em questão era a vida em clausura do clero, o estilo de vida monacal que havia sido o modelo moral da Idade Média.

Ao colocar face a face duas moças em um diálogo que nada tem de retilíneo, algumas vezes uma assumindo a posição da outra, Luisa deixa expresso seu próprio conflito. Blesilla, que defende a vida retirada, manifesta a opção pela religião, pela oração e pela realização pessoal na adoração a Deus, que é o ideal de vida medieval, sempre renovado pelo cristianismo. Flamínia representa o novo modo de vida mundano, que realiza e concretiza a cultura do século. O centro desse modo de vida é o príncipe, encarnação ao mesmo tempo da Nação e do Estado, duas novas noções da época. Claro que servir ao príncipe não é, em princípio, contraditório com a religião. O cristianismo havia sempre propugnado pela obediência e fidelidade às instituições monárquicas e Flamínia não deixa de citar S. Pedro para reforçar esta tradição (p. 102). Contudo o núcleo conflitante do diálogo situa-se nos hábitos mundanos e cortesãos, constituindo ao mesmo tempo uma visão secular do mundo, diferente da que o cristianismo havia conseguido impor até então, bem como uma concepção de vida hedonista que subrepticamente infiltrava-se no padrão tradicional do cristianismo medieval, calcado no sacrifício. É esta a contradição explícita na argumentação das duas moças. Há no entanto um conteúdo implícito que sempre vem à tona e que contém a contribuição mais original da autora: é a profunda humilhação que Luisa resente enquanto mulher culta, por servir ao príncipe - no caso à família real portuguesa - por servir e dever obediência a nobres incultos e incapazes, indignos de seu saber humanista. Transparece no texto a angústia de depender de favores e humores de seres que ocupam cargos por hereditariedade, sem merecê-los por suas qualidades, como a nobreza. Se ligarmos essas considerações aos atropelos vividos por Luisa nos últimos cinco anos de sua vida, quando teve que oferecer "seus serviços" e os do marido, sem obter o devido reconhecimento, poderemos melhor avaliar a angústia que o texto exala.

Esta problemática é muito próxima à dos humanistas de seu tempo, Erasmo em primeiro lugar, e bem diferente da perspectiva dos intelectuais da primeira fase do Renascimento, aquela cujo polo irradiador foram as cidades-estado italianas. Estes - Machiavel, Salutati, Pico Della Mirandola, Castiglione, entre outros - sentiam-se cidadãos de nações emergentes e em ebulição republicana, de cujo destino eles queriam participar como condutores da política e da economia. Interessavam-se pelas coisas do mundo, cultuavam as qualidades individuais que podiam fazer um homem elevar-se acima de sua condição e, além

disso, eram movidos por um incansável espírito de curiosidade, contrário à moralidade do cristianismo medieval<sup>5</sup>

A perspectiva humanista da fase posterior do Renascimento, na qual ressalta a figura de Erasmo - e que é a que chega à Espanha e Portugal - é bastante diferente. Confrontado com a Reforma protestante, Erasmo partiu de um ponto de vista cristão e não secular. Voltado para as transformações no seio da Igreja e para a educação do "príncipe cristão", ele recuou diante do caminho seguido pelos protestantes, rompendo uma amizade fugaz com Lutero. Incapaz de rebelar-se contra o Papado, suas críticas não impediram no entanto que seus seguidores se tornassem indesejáveis à Contra-Reforma e alvo da Inquisição. Os erasmistas espanhóis e portugueses estavam, pois, imbuídos do espírito presente nas principais obras de Erasmo: *Educação do Príncipe Cristão*, *Colóquios*, *Enquiridión* (ou *Manual do Cavaleiro Cristão*) e *Elogio da loucura*. De forma geral, esta nova geração de humanistas vê seu horizonte reduzido. Já não se trata mais de alcançar e exercer a cidadania, bem como intervir no Estado, mas de aconselhar os reis sobre a melhor maneira de comportar-se para fazer jus ao cargo hereditário. É a política subordinada à moral. E para poder aconselhar os reis é preciso obter deles o favor e a preferência.<sup>6</sup>

Ora, a angústia de Luisa em ter que obter o favor de alguém que pode eventualmente não estar à altura de reconhecer seus méritos intelectuais e morais, manifesta-se pela boca da jovem Blesilla, que defendendo a vida monacal, critica o mundanismo da corte. Flamínia, ao contrário, expressa suas esperanças no reconhecimento dos príncipes.

"... Se tu me respondes que é difícil e penoso servir aos príncipes, lembra-te que o essencial da felicidade que se conhece na corte consiste em que as almas valentes submetem-se a soberanos ilustres, generosos por sua própria natureza e poderosos, somente eles capazes de tornar felizes seus súditos, mesmo os mais desfavorecidos; ... (...) E além disso eles (soberanos) têm o costume de elevar ao cume da dignidade, concedendo-lhes honras e rendas consideráveis, os corações que não se cansaram nas provas e os súditos que lhes prestaram serviços, e de fazê-los cidadãos tão estimados e importantes no Estado, que sua descendência resplandecerá de brilho e consideração em todos os países" (p. 76)

Apesar de Flamínia haver elogiado o rei de Portugal e a princesa D. Maria, Blesilla insiste em mostrar a fragilidade dos favores reais.

"... Resulta claramente disso que a felicidade dos que vivem no séquito dos príncipes não é segura, porque não se pode fiar nela e porque ela não é desejável por estar envolvida com a impiedade" (p. 90).

---

<sup>5</sup> Ver: Agnes Heller, *O homem do Renascimento*. Lisboa, Editorial Presença, 1982, pp. 9-27; V.H.H.Green, *Renascimento e Reforma*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1984, pp. 33-48; e O.Sauvage, op.cit., p. 33

<sup>6</sup> O.Sauvage, op.cit.; A.Heller, op.cit., p. 30; V.H.H.Green, op.cit., pp. 48-55; Jacinto Prado Coelho (direção de), *Dicionário de Literatura*, Porto, Figueirinhas, 1976, 1o. vol., pp. 299-302; D.G.Diaz-Plaja, *Historia General de las Literaturas Hispánicas*. Barcelona, Ed.Barna S.A., 1951, 2º vol., pp. 359-360; Philippe Ariès, "Prefácio", in: Erasmo, *A civilidade pueril*. Lisboa, Ed. Estampa, 1978; Norbert Elias, *La civilisation des moeurs*. Paris, Calmann-Lévy, 1973; e Joseph A.Klucas, "João de Barros: Erasmianism and the political image of King John III", *Luso-Brazilian Review*, vol. 21, nº 1, 1984, pp. 33-47.

Como Flamínia propusesse a paciência face aos caprichos do príncipe, Blesilla lhe retruca:

"... O que tu acabas de descrever não é a verdadeira (paciência); ela não vem do coração; ela vem da coerção que exercem, seja a esperança de recompensa, seja o temor de perder o que foi adquirido ao preço de uma sujeição penosa; ou então ela vem do fato de que não quereis revelar o que sabeis sobre a arrogância e a falta de respeito dos príncipes em relação a vós, de medo de suscitar contra vós o desprezo dos invejosos ou sua alegria face aos vossos aborrecimentos" (p. 94).

(...)

(Os príncipes) "... em um piscar de olhos, amam e odeiam, concedem seu favor e esmagam, constroem e destroem, elevam e arruinam; aquele que hoje sobe até aos astros por suas honras, amanhã, pelo efeito do mais leve murmúrio dos rancorosos, é lançado pelos príncipes em um abismo de infâmia. Aquele que eles hoje agradam, em seguida desdenham, e com o ar duro que lhes foi dado pela natureza para punir, desprezam e dele tiram todo o poder. Quando necessitam de súditos obedientes, seja para mostrar com ostentação a grandeza de sua majestade, seja para preencher diligentemente seus cargos, cobrem-nos de palavras cheias de promessas e lhes inflam com o bafejo dos vãos favores. Depois, quando a tropa dos bajuladores que envolve sempre os príncipes por todos os lados dilacera suas orelhas, suas promessas evaporam-se e desfazem-se e, apesar dos serviços prestados por esses súditos, a vitória cabe aos bajuladores e os príncipes decidem a seu bel-prazer" (p. 96)

O tema da inconstância e da frivolidade dos reis aparece no contexto geral da argumentação de Blesilla, como uma das razões que fazem da vida retirado no campo, uma opção melhor que a vida mundana. Mas a jovem discorre também longamente sobre os "bens temporais" que predominam na corte e, entre eles, os cuidados exagerados com o corpo e a aparência, sobretudo nas mulheres. No estilo da época, citações gregas e latinas são levantadas pelas duas contendoras para a defesa de suas opiniões. Mas Blesilla é mais eloquente e termina concedendo às mulheres apenas "uma elegância simples e decente" (p. 140). Além disso o pudor sendo qualidade essencial, Blesilla cita a afirmação de Tertuliano de "que as boas esposas agradam a seus maridos na medida em que cuidam para não agradar a nenhum outro" (p.144). As mulheres devem ainda esforçar-se para evitar serem tagarelas. Fazendo eco da moral cristã dominante, Luisa Sigéia põe na boca de Blesilla citações de S.Jerônimo e preceitos que vão contra sua própria situação de mulher letrada, que tem opiniões e poder de argumentação.

"... Com efeito, uma mulher que fala muito está habituada a falar muito, e nessa tagarelice infiltra-se frequentemente uma tendência à paixão. Não se deve portanto desposar as que conversam muito; e se os pagãos condenam este defeito e afirmam valer mais, frequentemente, uma mulher silenciosa que uma conversadeira, como não evitaríamos não sucumbir a este defeito?" (p. 154)

Seguindo um roteiro de outros textos da época,<sup>7</sup> vários vícios femininos são estigmatizados, tais como o ócio, o ciúme, a arrogância, enquanto a humildade para com o príncipe e o marido, o pudor e a fidelidade são exaltados.

Finalmente, no terceiro dia de discussões o dilema da escolha entre a vida retirada no campo e a vida na corte é tratado do ponto de vista da felicidade. Fiel a formulações derivadas de filosofias greco-latinas, a chave da felicidade é localizada na superação dos problemas materiais, na subordinação do corpo à alma, na contemplação que exercita a inteligência, enfim, em um postura eminentemente aristocratizante. A vida em retiro proposta por Blesilla ganha assim a dimensão filosófica que se coadunava com a própria vida de Luisa Sigéia e suas aspirações. Da subordinação do corpo à alma faz parte o estar preparado para a morte e não temê-la; o "fugir ao contacto das más paixões", dos prazeres e, entre estes, o vinho e a carne, "luxo da humanidade", capazes de enfraquecer a lucidez da razão. É por isso que Blesilla afirma:

"Saibamos antes isto: pensar que podemos viver no meio de prazeres sem se deixar tomar pelos vícios que eles comportam é iludir-se, conforme acha S.Jerônimo. Com efeito, nossos sentimentos se interessam pelo que enxergam, ouvem, sentem e são levados a desejar o que os seduz, trazendo-lhes prazer. É portanto difícil, para não dizer impossível, quando nos locupletamos de riquezas e de prazeres, deixar de pensar no que temos. E é inutilmente que alguns fazem como se guardassem a salvo sua fé, seu pudor e sua integridade moral no meio dos prazeres, pois é contra a natureza gozar sem prazer de prazeres abundantes" (p. 206).

Entretanto a pregação de Blesilla fracassa e Flamínia, tal como Luisa, permanece ligada à vida mundana da corte, recusando a "fuga do século", dos prazeres e das ostentações (p. 270). Ao fim e ao cabo toda a argumentação de Blesilla em favor do estilo de vida monacal repete os preceitos convencionais do ideal moral de seu tempo, com exceção de sua contundente e prespicaz crítica à arrogância dos reis e à falsidade dos bajuladores cortesãos. É Luisa, a mulher erudita da corte, quem fala pela boca de Blesilla.

### 3. Trajectoria de um mito: do humanismo ao erotismo

Foi sem dúvida o conjunto de elementos originais da biografia e da obra de Luisa Sigéia que despertaram nos contemporâneos o espanto, a inveja, a curiosidade e a admiração, fatores que conduzem à estruturação dos mitos. Estes sentimentos contraditórios devem estar na origem de um episódio excepcional: 120 anos após sua morte, alguém apropriou-se de seu nome, atribuindo-lhe a autoria de uma obra obscena: *Satyra Sotadica de arcanis Amoris et Veneris* (Sátira Sotádica sobre os arcanos do amor e de Venus).

Em 1680, por iniciativa de Nicolas Chorier, poderoso advogado da região de Dauphiné, onde situa-se Grenoble, o impressor Jean Nicholas, publicou este texto. Em um "aviso ao leitor" colocado como introdução na primeira edição, Chorier apresentava-o como

---

<sup>7</sup> Cf. Angela M.de Almeida, "Casamento, sexualidade e pecado - Os manuais de casamento dos séculos XVI e XVII", *Ler História*, Lisboa, no. 12, 1988, pp.3-21; e ibidem, "Os Manuais Portugueses de Casamento dos séculos XVI e XVII", *Revista Brasileira de História*, (ANPUH), S.Paulo, v.9, n.17, set.88/fev.89, pp. 191-207.

sendo uma tradução latina, feita pelo sábio holandês Jean Meursius, de um manuscrito espanhol de Luisa Sigéia, de Toledo. O livro discorria desabusadamente sobre as diversas fórmulas de cópula carnal, sobre as experiências de recém-casadas, suas sensações de prazer e sobre os meios pelos quais podiam adquirir a experiência que redimensionasse a sensualidade. A obra tornou sua suposta autora rapidamente célebre em círculos que não a conheciam, tendo sido objeto imediatamente e nas décadas seguintes de traduções em diversas línguas, em inúmeras edições, inclusive com ilustrações. Em 1700 foi colocada no Index. Por essa época a opinião de que o verdadeiro autor era Churier, já estava amplamente aceita, sobretudo na França, inclusive por coincidências de estilo. Mas desde então sucessivas polêmicas históricas e literárias não conseguiram provar a verdadeira autoria, tendo ficado no entanto evidente, pela análise dos elementos biográficos e estilísticos, que não se tratava de Luisa Sigéia.<sup>8</sup>

O livro é composto de sete diálogos, mesma forma do *Colóquio entre duas virgens*, de Luisa: nos seis primeiros as personagens são italianas, enquanto no sétimo são espanholas. Tornou-se uma opinião generalizada que Churier, sendo o verdadeiro autor da obra, socorreu-se da imagem de Luisa Sigéia para torná-la pública. E porque ela? No "Aviso ao leitor", aparecido na primeira edição, Churier é pródigo em elogios às virtudes da suposta autora, "estimadas na maior parte das mulheres e que convém sobretudo às honestas". Porém seria exatamente porque Luisa "amava a verdade e invectivava livremente contra as depravadas" que ela teria escolhido "reproduzi-las em sua nudez sobre o palco da vida humana, a fim de mostrar por este exemplo que não é impunemente que damas de grande nome faltam com a honra ..." O comportamento vergonhoso, segundo Churier, das personagens Tullia, Ottavia, Sempronia, Vittoria, filhas e esposas de duques, marqueses e condes, seria a prova dessa intenção de Luisa em desmascarar. Daí o estilo "o mais livre possível" e daí também, sempre segundo Churier, o nome "Sotádica", alusão a Sotades, antigo autor de obras eróticas. Mas para ele as mulheres são as mais aptas para tratar desses assuntos porque são "o terreno da voluptuosidade, o campo onde nascem, florescem, prosperam e, para dizê-lo em um palavra, tomam seu rumo a leste ou oeste, os gozos sedutores e os mais deliciosos prazeres". Isto dito, apesar de virtuosa, Churier crê que Luisa pode bem ter se deixado amolecer pela voluptuosidade e arrisca dizer que "uma parte das aventuras que ela conta são dela mesma" e seriam estas "as melhores".<sup>9</sup>

Essas palavras do introdutor do livro mostram que no imaginário coletivo a audácia de Luisa Sigéia em alcançar a erudição apenas disponível para homens, sua relativa independência dos elementos culturais que compõem a condição feminina, tais como as injunções do casamento e da maternidade, assim como sua inserção em uma categoria de funções caracteristicamente masculina, deviam corresponder necessariamente a uma ousadia ainda maior, que os próprios homens não tinham: a de verbalizar por escrito a parte física da

---

<sup>8</sup> Os dados aqui referidos foram retirados de: O.Sauvage, op.cit.; C.M.de Vasconcelos, op.cit.; M.P.Allut, *Alloysia Sygea et Nicolas Churier*. Lyon, Chez N.Scheuring, 1862; J.Pereira Gomes, verbete "Luisa Sigéia", in: *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. 17; e Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre o século XVI*. Lisboa, 1983.

<sup>9</sup> *Les dialogues de Luisa Sigea, ou Satire Sotadique de Nicolas Churier*. Paris, Isidore Liseux, 1881, pp. XXVII-XXX.

relação sexual, as sensações que ela produzia e os mecanismos e intrigas de que homens e mulheres serviam-se para aumentar seu prazer.